

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RACHEL CORRÊA SEIXAS

# TIMIDEZ INFANTIL

Uma questão a ser pensada

*Média final = 9,6  
LXXV*

Rio de Janeiro

2006/2

**RACHEL CORRÊA SÉIXAS**

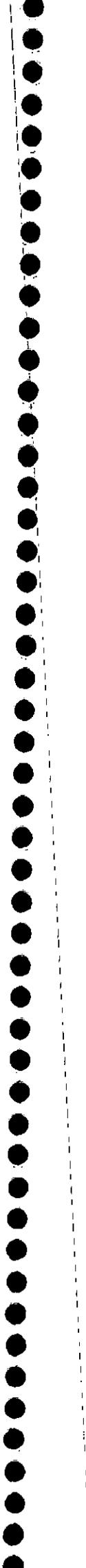
**TIMIDEZ INFANTIL**

Uma questão a ser pensada

Monografia a ser apresentada à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia – Habilitação em Educação Infantil, Primeiras séries do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, orientado pela Professora Sandra Albernaz de Medeiros.

Rio de Janeiro

2006/2



À minha mãe e ao meu pai,  
pelo amor e dedicação infinita.

À Dani e ao Victinho,  
por serem parte de mim.

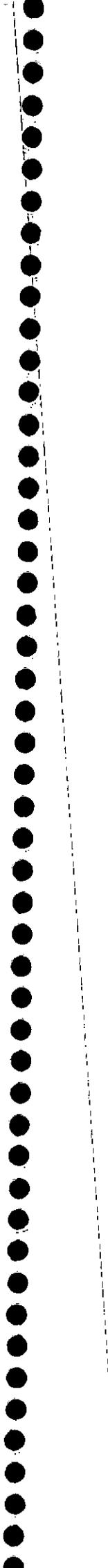
Ao David,  
por acreditar sempre.

Agradecimentos:

À minha querida orientadora Sandra.

Às minhas mais que amigas Natália e  
Cecília por tornarem o caminho até  
aqui muito mais gostoso.

Aos meus antigos, atuais e futuros  
alunos por me fazerem ter certeza de  
que a infância vale a pena.



“Só pode ser pedagogo aquele que se  
encontrar capacitado para penetrar na  
alma infantil”.

Sigmund Freud

## RESUMO

O referido trabalho versa sobre o tema *Timidez Infantil – Uma questão a ser pensada*, tendo como objetivo uma reflexão sobre o desenvolvimento infantil e sua relação com a timidez, assim como a relação desta com as interações sociais que norteiam a vida da criança. Venho propor um maior esclarecimento sobre o tema, sem uma pretensão de respostas fechadas ou acabadas, a partir de uma pesquisa bibliográfica e de reflexões próprias a cerca de minhas experiências.

Palavras chave: Timidez, desenvolvimento psicossocial, organização social.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	8
<b>Capítulo I – O Desenvolvimento Psicossocial Infantil</b>	10
1.1 O Desenvolvimento segundo Freud e Erikson	12
<b>Capítulo II – A Timidez</b>	23
<b>Capítulo III – Aspectos Psicossociais da Timidez</b>	28
3.1 Timidez e Organização Social	31
<b>Capítulo IV – A Escola diante da Timidez</b>	33
<b>Considerações Finais</b>	36
<b>Referências Bibliográficas</b>	37

## INTRODUÇÃO

O ambiente escolar envolve muitas pessoas convivendo e partilhando experiências diárias. São trocas, aprendizagens e problemas surgindo a todo instante. São crianças, jovens ou adultos cada qual com sua individualidade e traços de personalidade a serem respeitados e compreendidos. Ao professor cabe a tarefa de conduzir seu grupo da melhor maneira possível fazendo com o que é individual não se torne obstáculo para a convivência e o aprendizado de cada um e do grupo como um todo, mas o contrário, que as diferenças de cada um sejam exaltadas, que a heterogeneidade seja entendida e percebida como uma característica positiva.

Aprofundando o olhar em uma sala de aula, percebe-se logo que crianças, assim como todos os humanos, não são idênticas, não se comportam todas da mesma maneira. umas muito concentradas, outras distraídas, algumas caladas, outras altamente comunicativas, algumas que adoram uma novidade, outras que ficam inseguras com o desconhecido, umas extrovertidas e desinibidas que despertam atenção em qualquer cena e outras que nem tanto... São aquelas mais quietinhas, mais caladas, que não se sentem confortáveis sendo o alvo das atenções, aquelas que não perturbam, as quais nunca damos broncas ou elevamos nossa voz. Aquelas que não incomodam o ambiente da sala de aula.

Assim, este trabalho vem chamar a atenção para essas crianças que não incomodam, mas que também têm suas barreiras e dificuldades cotidianas. São crianças que não se tornam nem destaque, nem problema e nem tema de discussões em reuniões escolares. São elas, as tímidas.

A partir das minhas experiências em classes de Educação Infantil surgiu o interesse por uma reflexão que colocasse em evidência a timidez em geral e a timidez infantil. E, fazê-lo, é ter a delicadeza de se interessar por suas causas e características; é ter a delicadeza de

compreender melhor o tímido para saber como lidar com sua individualidade já que este muitas vezes não consegue externalizar sentimentos e aprendizados; é perceber o que facilita ou inibe a criança tímida a se desenvolver socialmente, a ampliar ou enriquecer seu desenvolvimento psicossocial sendo capaz de interagir perfeitamente bem com outras crianças e adultos em qualquer que seja a situação.

Dessa maneira, o trabalho apresentado se divide em quatro capítulos. No primeiro, será apresentada a visão de Freud e Erikson sobre o desenvolvimento infantil; no segundo, há uma reflexão sobre o significado da timidez; o terceiro apresenta os aspectos psicossociais da timidez e sua relação com a organização social e; no quarto e último capítulo, há uma reflexão sobre a timidez e a escola e sobre como a mesma é vista e tratada dentro deste ambiente escolar.

## O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL INFANTIL

Para uma reflexão sobre a timidez infantil de crianças por volta de seus quatro anos de idade torna-se fundamental o entendimento do seu desenvolvimento enquanto pequeno ser humano. Desenvolvimento este fisiológico, social e sexual que passa por conflitos, angústias, ansiedades e experiências definitivas na formação da identidade dessas crianças enquanto pessoas que são. Para a criança, o mundo só ganha sentido a partir do seu próprio corpo, que é a base da percepção e da organização da vida humana. Em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância.

A propensão inata da criança para sentir-se impotente, abandonada, envergonhada e culpada em relação àqueles de quem ela depende é sistematicamente utilizada para seu treino e educação, muitas vezes ao ponto de exploração. (ERIKSON, 1976, p.75).

É necessário adquirir assim uma compreensão das conseqüências profundas que as atitudes adultas nessa exploração psicológica infantil podem deixar. O mau uso desta, digamos, autoridade parental e/ou educacional, prejudica o desenvolvimento das potencialidades infantis onde esse deveria estar livre para ocorrer produtivamente. Mau uso este caracterizado muitas vezes pela falta de bom senso ou mesmo pelo não conhecimento das necessidades e peculiaridades que dizem respeito à infância, como por exemplo, a humilhação.

Erikson e Freud, autores responsáveis por teorias importantíssimas sobre o desenvolvimento, mostraram a todos com a Psicanálise que os homens contraem uma amnésia a respeito das experiências decisivas da infância. Amnésia esta que faz com que entremos em

um *período de latência* onde, durante o mesmo, surgem forças anímicas que mais tarde aparecerão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques como o nojo, a vergonha e as exigências de ideais estéticos e morais – construção essa que é certamente obra forte da educação. É como se a educação construísse forças defensivas morais à custa da sexualidade infantil.

Assim, parece que nós, homens, fechamos nossos olhos à função da infância enquanto compositora de nossa própria sociedade. É como se o homem, com sua própria imagem de perfeito e civilizado se recusasse a ver e a entender que sua história, que seu desenvolvimento se inicia em seus primeiros anos, nas suas compulsões infantis e impulsos irracionais.

Entretanto, se o homem compreendesse esse fato, talvez conseguisse tornar-se menos infantilmente destrutivo em alguns aspectos e manter-se mais criativamente infantil em outros. (ERIKSON, 1976, p.76).

Não é novidade a importância primordial do papel da mãe no desenvolvimento do bebê e da criança. É ela, enquanto membro de uma família e de uma sociedade; portadora não apenas de um papel biológico, mas também de valores de sua própria comunidade; a responsável pelo *sentimento de confiança* nela mesma, no mundo e em si próprio. A sociedade, como instituição orientadora e limitadora das opções individuais, assegura suas pistas sociais do começo da vida através da mãe e todo o conflito e experiências vividas na infância perduram no adulto de alguma forma. Os “passos” dados enquanto criança se preservam e permanecem nas camadas mais profundas, nas raízes de todo homem e de sua identidade.

## 1.1 - O DESENVOLVIMENTO SEGUNDO FREUD E ERIKSON

O esquema de desenvolvimento de Erikson está dividido em oito fases de um ciclo vital que coordena a formação da identidade. Fases essas que são:

1. Confiança X Desconfiança (até um ano)
2. Autonomia X Vergonha e Dúvida (segundo e terceiro ano)
3. Iniciativa X Culpa (quarto e quinto ano)
4. Construtividade X Inferioridade (seis aos onze anos)
5. Identidade X Confusão de papéis (doze aos dezoito anos)
6. Intimidade X Isolamento (jovem adulto)
7. Produtividade X Estagnação (meia idade)
8. Integridade X Desesperança (velhice)

Assim, o que interessa neste trabalho são as fases que dizem respeito à criança de um ano de idade até os seus quatro ou cinco anos, pois nessas faixas etárias a criança passa por importantes conflitos internos e externos que a fazem crescer como ser humano e a formular sua personalidade. É também nesta fase que a vida sexual da criança costuma expressar-se em uma forma acessível à observação.

Cada criança enfrenta sua crise, seu conflito em uma determinada fase da vida e cada fase desta converte-se em uma crise por conta de um crescimento e de uma consciência que ainda não sabe lidar com uma nova função, com uma mudança de energia. Esta crise é experimentada no sentido de desenvolvimento para designar um período de crescente vulnerabilidade e desajustamento, o que torna a criança um ser não somente vulnerável, mas também dependente e frágil em alguns aspectos.

Caberia lembrar que a presença de um bebê ou mesmo de uma criança em seus primeiros anos muda a configuração das vidas dos membros de uma casa, dos membros que se relacionam com ela, pois ocorre uma verdadeira e radical mudança.

A presença de um bebê exerce um sistemático e persistente domínio sobre as vidas exteriores e interiores de todos os membros de uma casa. Dado que esses membros devem se reorientar para adaptar-se à sua presença, eles também têm de se desenvolver como indivíduos e como um grupo. É tão acertado dizer que os bebês controlam e criam suas famílias, como o inverso. Uma família só pode educar seu bebê sendo educado por este. O seu crescimento consiste numa série de desafios aos membros da família, para que esta sirva às recém-criadas potencialidades de intenção potencial do bebê. (ERIKSON, 1976, p.96).

Um dos requisitos básicos para a vitalidade mental de uma criança em seu primeiro ano de vida é o *sentimento de confiança* em relação ao eu e ao mundo, uma segurança íntima na conduta com outros, derivada de suas primeiras experiências na vida. Pode-se dizer que a confiança funciona como “a pedra angular de uma personalidade vital”. (ERIKSON, 1976, p.97).

Quando o bebê é separado do corpo de sua mãe em seu nascimento, ele passa a viver com e através da boca. É pela boca que ele se alimenta e acolhe, é pela boca que ele ama. A mãe assim vive uma ânsia de suprir tudo aquilo que seu bebê deseja e precisa através de seu corpo e de sua postura.

A boca é o foco da primeira abordagem geral da vida, é pela boca que ela incorpora o mundo. Além de uma necessidade de alimento, o bebê passa depressa a ser receptivo em muitos outros aspectos. Ele chupa quaisquer obstáculos e engole facilmente qualquer líquido,

o que definitivamente gera uma sensação boa. O bebê passa a ser receptivo ao que lhe está sendo oferecido e, por ser sensível e vulnerável, é preciso que os estímulos e alimentos sejam oferecidos na intensidade adequada e no tempo certo.

É neste período, segundo Freud (1969), que a criança vivencia sua *fase oral* através do chuchar – repetição rítmica de um contato de sucção com a boca em alguma parte da pele ou mucosa sem qualquer propósito de nutrição – determinado pela busca de uma sensação prazerosa já vivenciada e agora lembrada. Por esse caminho, muitas crianças passam do chuchar para a masturbação. É importante dizer que a pulsão sexual infantil é auto-erótica, ou seja, satisfaz-se no próprio corpo, o que a torna independente do mundo externo que ainda não consegue dominar.

Erikson (1976) fala em uma *segunda fase oral* onde o bebê amadurece sua capacidade de explorar e sentir prazer numa abordagem incorporadora mais ativa, mais dirigida. Com a dentição, aparece o prazer em morder coisas duras, de rasgar coisas com os dentes. Além disso, os olhos passam a enfocar e captar objetos, os órgãos auditivos aprendem a distinguir e localizar sons significativos, os braços alcançam com decisão e as mãos agarram com firmeza. O bebê aprende a mudar de posição, a rolar e aperfeiçoa sua capacidade de preensão, captura e retenção.

Erikson (1976) concebe cada fase como o período em que uma capacidade aparece pela primeira vez ou quando a mesma está tão bem estabelecida e integrada que o próximo passo a ser dado no desenvolvimento pode ser iniciado com bastante segurança.

A crise desta segunda fase parece consistir em três desenvolvimentos:

Um impulso mais “violento” para incorporar, apoderar-se e observar mais ativamente, uma tensão associada ao desconforto da “dentição” e outras mudanças na maquinaria oral; a crescente consciência que a criança adquire de si própria como pessoa distinta; e o gradual afastamento da mãe para

outros afazeres que ela suspendera durante o final da gravidez e cuidados pós-natais. (ERIKSON, 1976, p.101).

A fase do desmame deixa muitas vezes a impressão de perda, o que não deveria acontecer sem uma substituição adequada nesta fase. Mesmo assim, esta fase parece introduzir um sentimento de divisão na vida psíquica e é contra essa combinação da sensação de privação e abandono que aparece um vestígio de desconfiança, o que faz com que a confiança mais uma vez deva ser mantida e estabelecida.

Essa confiança gerada logo nas primeiras experiências infantis depende da qualidade das relações maternas que combina uma assistência às necessidades individuais do bebê e de uma condição pessoal em realizar tal assistência. Isso proporciona à criança uma base, um sentido de identidade de ser, mais tarde, uma pessoa distinta e por que não segura. Dar orientação, demonstrar convicção e significado nas ações paternas e/ou educativas é favorecer a confiança.

O *sentimento de identidade* nasce do encontro da pessoa materna com o bebê, um encontro de confiança e reconhecimento, uma presença cuja necessidade permanece fundamental no homem.

O prazer, logo no começo da infância está freqüentemente relacionado aos órgãos eliminatórios. O processo de evacuação é estimulado e supervalorizado desde muito cedo. A chegada das fezes melhor formadas e a coordenação do sistema muscular de forma voluntária dão o grande volume às experiências anais. Contudo, esta nova fase vai além dos esfínteres.

O significado global desta segunda fase da infância reside no rápido avanço da maturação muscular, da verbalização e da discriminação, com a aptidão conseqüente para coordenar um certo número de padrões de ações altamente

conflitantes, caracterizados pelas tendências de “agüentar” e “soltar”.  
(ERIKSON, 1976, p.108).

Assim, a criança, que ainda é muito dependente, começa a experimentar uma certa autonomia, uma certa vontade própria em reter, expulsar, conservar e/ou jogar fora qualquer coisa que possua e, por não estar à altura de suas próprias vontades e das vontades do pai e/ou da mãe, forças violentas são contidas e desencadeadas dentro dela.

É nesta fase que a criança passa também a ser regulada e afinada e o treino intestinal e vesical passa a ter uma importância perturbadora na educação infantil.

A zona anal media um apoio da sexualidade em outras funções corporais e presta-se mais do que qualquer outra aos impulsos conflitantes, pois esta fase, onde ela se torna mais aparente, se converte assim em uma batalha pela autonomia. Enquanto a criança aprende a se manter em pé por seus próprios meios ela também aprende a diferenciar o “eu” e o “tu” e o “meu” e o “a mim”. Todas essas contradições estão incluídas na fórmula que Erikson chama de modos *retentivo-eliminatórios*. Conter, reter, restringir, ter, sustentar e soltar podem se tornar uma libertação de forças destruidoras. Contudo o seu valor irá depender dos padrões de afirmação e rejeição exigidos pela cultura.

O controle externo rígido demais ou muito prematuro pode privar a criança de sua tentativa de controle dos intestinos e outras funções por sua livre decisão, fazendo desta maneira que viva uma dupla rebelião e uma dupla derrota. Para procurar satisfação e controle ela regressará à fase anterior - a *oralidade* - ou fingirá uma autonomia que ainda não conquistou. O supercontrole parental pode resultar ainda em uma duradoura propensão para a dúvida e a vergonha.

Para o *desenvolvimento da autonomia* é necessária uma confiança inicial desenvolvida para que o bebê tenha certeza de que suas vontades e desejos violentos, que suas apropriações

ou eliminações não comprometerão sua fé em si e no mundo. Somente a firmeza, a proteção e o apoio parental podem privá-lo do sentimento de exposição, de vergonha e de dúvida.

A vergonha pressupõe que uma pessoa está completamente exposta e consciente de ser observada – numa palavra, constrangida. É visível e não está pronta para ser visível. (ERIKSON, 1976, p.111)

O fato é que a vergonha é uma emoção infantil muito cedo vivenciada, como por exemplo, em um impulso de tapar o rosto ou abaixá-lo e esconder-se. O envergonhar explora um sentimento de ser pequeno, o que se torna bastante visível quando a criança passa a ficar em pé e caminhar por si mesma e a perceber as diferenças de tamanho e força. O sentimento de vergonha se desenvolve nas críticas, nas ridicularizações e no super controle por parte de pais e/ou professores em uma época onde a criança está batalhando justamente por sua autonomia, confiança e liberdade. Muitas vezes a vergonha suplanta um sentimento ainda mais destrutivo: a culpa.

Voltando ao sentido da autonomia, os pais só estão aptos a conceder o mesmo às suas crianças se o vivem também em suas próprias vidas. O *sentimento de confiança* dos bebês é um reflexo da fé parental assim como o *sentimento de autonomia* é o reflexo dos pais como seres autônomos. A fase de autonomia merece atenção, pois é nela que se estabelece a primeira emancipação infantil em relação à mãe.

Requer energia e flexibilidade educar a vontade de uma criança de modo a ajudá-la a vencer o voluntarismo excessivo, a desenvolver alguma “boa vontade” e (ao mesmo tempo que aprende a obedecer em alguns aspectos essenciais) a manter um sentido autônomo de livre arbítrio. No tocante à psicanálise, tem-se concentrado primordialmente num treino higiênico

excessivamente prematuro e numa vergonha irrazoável como causas da alienação da criança em relação ao seu próprio corpo. Tentou, pelo menos, formular o que não deve ser feito às crianças e existe, é claro, um grande número de evitações que podem ser aprendidas através do ciclo vital. Estamos gradualmente aprendendo o que não fazer, exatamente, a que espécie de crianças em que idades; mas ainda temos que aprender o que fazer espontânea e alegremente. (ERIKSON, 1976, p.113)

Pronto. Agora a criança está completamente convencida de que é uma pessoa independente e chegou a vez de descobrir o que ela virá a ser. Obviamente, ela ainda está profundamente ligada a seus pais que lhe parecem ao mesmo tempo poderosos e belos e também intolerantes e desagradáveis. No entanto, se a criança for severamente ridicularizada ou criticada ela poderá desenvolver uma vergonha e sentimento de dúvida quanto a sua capacidade autônoma, provocando uma volta ao estágio anterior, ou seja, a dependência.

Assim, três acontecimentos são os responsáveis por esta nova fase, nova crise:

A criança aprende a movimentar-se mais livre, mais violentamente, e, portanto, estabelece um raio de ação e de objetivos mais vasto e, para ela, ilimitado; o seu sentido de linguagem aperfeiçoa-se a um ponto em que ela entende e pode indagar incessantemente sobre inúmeras coisas, escutando apenas o bastante, muitas vezes, para formar noções inteiramente errôneas; e a linguagem e a locomoção permitem-lhe ampliar a sua imaginação a tantos papéis que não pode deixar de assustar-se com o que ela própria sonhou e imaginou. (ERIKSON, 1976, p.115).

A criança agora está chegando ao final de seu terceiro ano e já pode caminhar e correr com tranquilidade. Mais que isso, ela já pode esquecer que está andando e descobrir o que ela

pode fazer com isso, descobre o que pode fazer e o que será capaz de fazer. Começa a fazer comparações e a desenvolver sua curiosidade principalmente sobre as diferenças de sexo e idade. A investigação sexual desses primeiros anos da infância é um primeiro passo para sua orientação autônoma no mundo.

A sua aprendizagem é agora eminentemente intrusiva e vigorosa, distanciando-a de suas próprias limitações e aproximando-a de possibilidades futuras. (ERIKSON, 1976, p.116).

Esta fase se caracteriza por um modo intrusivo que inclui a intrusão no espaço, a intrusão no desconhecido, a intrusão nos ouvidos e mentes de outras pessoas, a intrusão sobre o corpo de outras pessoas e a idéia do falo introduzindo-se no corpo feminino.

Esta é portanto a fase da curiosidade infantil, da excitabilidade genital e de uma variedade de preocupações e excessivo interesse por questões sexuais. Obviamente essa experiência da genitalidade ainda é rudimentar e, se não for provocada, estimulada e castigada precocemente depressa se tornará algo assustador e insignificante e naturalmente reprimido durante o longo intervalo que separa a sexualidade infantil e o amadurecimento físico sexual.

Deve-se admitir, contudo, que apesar de as zonas erógenas exercerem uma dominação na vida sexual infantil, desde o seu início a mesma envolve também outras pessoas como objetos sexuais.

Neste caminho de investigações a potente imaginação infantil gera fantasias de gigantescas proporções e um profundo sentimento de medo e culpa começa a ser despertado, uma sensação de se ter cometido um crime que não só não foi cometido como também seria biologicamente impossível.

Para o menino é natural pensar que todos possuem uma genitália como a sua sendo impossível presumir a sua falta em qualquer uma das pessoas que conhece – esta suposição é

a primeira teoria sexual infantil notável e momentânea. Já a menina é tomada por uma inveja do pênis, por um desejo de ser um menino, de possuir algo que ela não tem. Esta é, pois, a fase do Complexo de Castração: para o menino um medo intenso da perda e, para a menina, uma angústia pela convicção da perda do órgão genital masculino, como castigo por fantasias e atos cometidos. A fase do Complexo de Édipo é de extrema importância para a criança, pois é nesta fase que ela aprende a lidar com o mundo e suas leis sociais, adequando-se ao mesmo. Solucionar o Complexo de Édipo é começar a desvencilhar-se da dependência familiar, é tornar-se mais autônomo.

O governador da iniciativa é a consciência. A criança sente o medo de ser descoberta e escuta sua “voz interior” da auto-observação, da auto-orientação e da auto-punição que a divide em seu próprio íntimo – eis a base da moralidade.

A fase edípica resultará, pois, finalmente, não só num sentimento moral que limita os horizontes do permissível, mas também no estabelecimento de diretrizes no sentido do possível e do tangível, as quais vinculam os sonhos infantis às diversas metas da tecnologia e da cultura. (ERIKSON, 1976, p.121).

A contribuição desta *fase da iniciativa* para o desenvolvimento da identidade consiste na libertação da iniciativa e sentido de propósito da criança para as tarefas adultas.

Estando agora em idade escolar a criança está mais do que pronta para aprender rapidamente e para compartilhar. A escola é, porque não, um mundo em si com suas metas e limitações, suas realizações e decepções.

Na idade da educação infantil as atividades lúdicas imperam. Contudo, elas não estão restritas apenas ao domínio técnico de brinquedos e brincadeiras, mas incluem um processo infantil de dominar a experiência social pelo experimento, planejamento e repartição. Assim,

cedo ou tarde elas descobrem que não são capazes de fazer tudo perfeitamente – à isto, Erikson dá o nome de *sentimento de indústria*.

É como se ela soubesse que, psicologicamente, já é um progenitor rudimentar e que deve começar a ter algo de um trabalhador e provedor potencial, antes de tornar-se um progenitor biológico. Portanto, com a chegada iminente do período de latência, a criança esquece, ou melhor, “sublima” calmamente os impulsos que a fizeram sonhar e jogar. Ela aprende agora a granjear reconhecimento pela produção de coisas. Desenvolve a perseverança e adaptação às leis inorgânicas do mundo instrumental. (ERIKSON, 1976, p.124)

O perigo desta fase está no tão conhecido sentimento de inferioridade (o que muitos julgam ser a causa para a timidez), causada por uma solução insuficiente do conflito precedente, por uma comparação, um sentimento de culpa e de inferioridade mesmo. É como se tudo aquilo que aprendeu a fazer bem e perfeitamente não contasse para si mesma, para os colegas, pais e professores.

O desenvolvimento de um sentido de inferioridade, de que “não sirvo para nada” pode ser diminuído por uma ou um bom professor (a) que seja capaz de enfatizar o que a criança pode fazer.

Os bons professores que se sentem alvo da confiança e do respeito da comunidade sabem como alternar jogo e trabalho, diversões e estudo. Sabem como reconhecer os esforços especiais, como estimular os talentos especiais. Também sabem como dar tempo a uma criança e como lidar com aquelas crianças para quem a escola, por algum tempo, não é importante e é

considerada algo mais para suportar do que para saborear, ou mesmo a criança para quem, por algum tempo, as outras crianças são muito mais importantes do que o professor. Mas os bons pais também sentem a necessidade de fazer com que seus filhos confiem nos seus professores e, portanto, de contar com professores em quem se possa confiar. Pois o que está em jogo é nada menos que o desenvolvimento e manutenção nas crianças de uma identificação positiva com aqueles que sabem coisas e sabem como fazer as coisas. (ERIKSON, 1976, p.125).

A criança precisa confiar em quem sabe fazer as coisas para assim não se sentir diminuída ou inferiorizada. Dessa maneira, ela sentirá confiança em si mesma para tentar, arriscar, errar e acertar, para explorar novas situações e buscar novos conhecimentos. Ao contrário disso, o que mais encontramos é uma esmagadora negligência.

Esta fase é uma das mais decisivas, socialmente falando. É neste período que a criança desenvolve um primeiro sentido de divisão de tarefas e de oportunidades. Por isso, a vida escolar deve ser permeada de configurações culturais, apoiando em todas as crianças um sentimento de competência – “isto é, o livre exercício da destreza e inteligência na execução de tarefas sérias, não prejudicado por um sentimento infantil de inferioridade”. (ERIKSON, 1976, p.126).

A partir deste momento a criança entra em uma nova fase que, embora muito importante e interessante, já não cabe mais discutir aqui – a fase das transformações da puberdade, da juventude.

## A TIMIDEZ

### Da Timidez<sup>1</sup>

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros e sua timidez seja apenas um stratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico, só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença.

Todo mundo é tímido, os que parecem mais tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido. O extrovertido faz questão de chamar a atenção para sua extroversão, assim ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando “Não me olhem! Não me olhem!” só para chamar a atenção.

O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se voltam para ele e para sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se riem, é dele. Mentalmente, o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a maciez estudada de uma noviça. Para o tímido, não apenas todo mundo mas o próprio destino não pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embaraçá-lo.

---

<sup>1</sup> VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Comédias da Vida Pública*. P&PM Editores, 1995, p.324.

O tímido vive acochado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme, o que tira seu sono e apavora os seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma plateia, o tímido não pensa nos membros da plateia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a plateia fechar os olhos, ou tapar um olho e um ouvido para cortar o desconforto de um tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó.

Após a leitura deste pequeno texto, procurando por uma definição para o termo “timidez”, o dicionário surge como melhor opção. Dessa forma : “Timidez [De tímido + ez] S.f. Qualidade de tímido, acanhamento. 2. Debilidade, fraqueza”; “Tímido [Do lat. timidu] Adj. 1. Que tem temor, receoso. 2. Acanhado, retraído. 3. Fig. Fraco, frouxo, débil”.<sup>2</sup>

Pronto. Exatidão e simplicidade. Timidez então seria a qualidade daquele que é temeroso; em relação ao desconhecido por exemplo; e que se acanha ou retrai, quando precisa se relacionar com outras pessoas.

Contudo, se a timidez pudesse ser compreendida assim de forma tão simples e exata este trabalho poderia encerrar-se neste mesmo parágrafo. E, pobre dos tímidos, seriam encarados como frágeis e débeis.

Não que a timidez não esteja envolvida com termos como receoso, retraído ou acanhado, mas o que pode-se dizer é que timidez é algo muito mais complexo e para compreendê-la é necessário estudá-la com maior profundidade e seriedade.

Como pode-se ver no texto de Verissimo, a timidez pode ser definida como um desconforto ou uma inibição em situações interpessoais. Todos já sentiram um certo desconforto, uma certa intimidação em um momento qualquer da vida. Um sentimento talvez de preocupação com os pensamentos e reações alheias, o famoso “o que fulano vai pensar de mim?”.

A vida gira em torno de uma organização social e, sendo o Homem um ser social, parece-lhe natural estar à vontade e completamente confortável nas interações cotidianas com outras pessoas e em diversas situações. Uma conversa informal, uma apresentação, uma entrevista na rua, um jantar em um restaurante novo entre outras situações não seriam motivos de maiores preocupações. Não para todos e, por que não dizer, para a maioria.

---

<sup>2</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Para os tímidos estas seriam situações desencadeadoras de um extremo desconforto, seguido talvez por rubores, palpitações, sudorese, falta de jeito. A verdade é que todos experimentam a timidez em algumas situações como de exposição, observação ou avaliação. Todos já sentiram desconforto, insegurança ou medo em um momento qualquer.

O fato é que pode-se dizer que a timidez é uma expressão dinâmica interna, uma condição natural do ser humano que se externaliza de duas maneiras existentes – uma permanente e outra situacional. A timidez permanente é aquela que funciona como um traço central da personalidade de um indivíduo. Já a timidez situacional envolve “sintomas” de timidez em uma situação social específica, mas não é incorporada a personalidade.

O importante é entender que a timidez não é um defeito e sim um traço, uma característica da personalidade e, como tal, ela aparece em graus variados em todas as pessoas. Algumas têm este traço atenuado, aparecendo somente em algumas esporádicas situações, como por exemplo, de exposição; já outras têm esse traço predominante ou mais acentuado. É justamente a predominância ou a atenuação deste traço (e de outros também) que a personalidade se constitui dando origem ao jeito de cada um.

Todos ficam tímidos e isso é algo que simplesmente acontece, por causas que parecem ser, muitas vezes, silenciosas e invisíveis.

Para Pamela Bushnell (2004), existem alguns fatores que podem influenciar a timidez, como o *temperamento* – determinado pela natureza de cada indivíduo, onde alguns são mais sensíveis a emoções, mais cautelosos em relação a novidades e mudanças; o *comportamento aprendido* – influência de outras pessoas, em especial dos familiares de quem aprende certas reações, onde críticas e desaprovações são capazes de criar um sentimento de inferioridade e vergonha; e as *experiências desconfortáveis* – quando o indivíduo experimenta diversas situações de humilhação.

Sendo a timidez uma condição natural e mesmo uma emoção por vezes difícil de ser compreendida, ela não é capaz de, por si só, causar tanto sofrimento a uma criança ao ponto da mesma não conseguir se desenvolver socialmente ou aprender. Pode-se dizer que, se isto acontece, é porque existe aí algo maior do que somente timidez.

## ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA TIMIDEZ

Não é difícil esbarrarmos em visões pejorativas no que diz respeito à timidez. Frases como “fulano é tímido” são carregadas de negatividade e, ser tímido se torna algo terrível, um defeito, um problema. Sendo a timidez então um problema, ela precisa ser tratada, curada o que, para bom entendedor, significa que timidez seria uma doença.

Encarar timidez como doença nos leva a um questionamento sobre a normalidade das coisas, sobre que critérios são esses capazes de diagnosticar o que é normal ou não. Primeiramente, nem sempre aquilo que é habitual é normal e o que é excepcional é patológico. Os dentes cariados, por exemplo, embora sejam habituais e freqüentes não são normais.

Tratando-se de timidez, pesquisas apontam que o contingente de pessoas com essa característica no mundo é de 48%, ou seja, praticamente metade da população mundial declara ser tímida em algum momento da vida. Assim, neste caso, a timidez deveria ser encarada como uma característica perfeitamente normal, já que ela não é tão excepcional quanto muitas vezes se imagina.

Um outro aspecto importante a ser considerado são as diferenças culturais entre as sociedades. Em determinadas culturas uma pessoa mais reservada não encontra problemas, mas ao contrário, é valorizada socialmente; já em outras aquele que demonstra ser mais extrovertido e comunicativo é mais exaltado.

Um dos critérios mais utilizados para o diagnóstico médico é o Critério Estatístico que serve para destacar da população geral o não-habitual, o diferente ou o não normal. Contudo, isoladamente, este critério não é suficiente para declarar este não-habitual e incomum como doença.

Este Critério Estatístico de diagnóstico não possui um caráter decisivo, mas sim subsidiário, já que o qual só terá valor se considerar outras variáveis como situacionais, sócio-culturais, temporais e existenciais e também outro critério como o Critério Valorativo. Neste critério a quantidade dá lugar à qualidade.

Trata-se de saber se aquilo que é incomum implica em prejuízo e morbidade, se é de fato patológico e causa sofrimento. Pelo Critério Valorativo podemos considerar que, em não havendo prejuízo ao indivíduo, aos seus semelhantes e ao sistema sócio-cultural toda pessoa que se destaca dos demais não pode ser considerada doente.(BALLONE, 1994).

No Critério Valorativo importa justamente o valor que o sistema sócio-cultural atribui a maneira do indivíduo existir. É por causa do valor cultural seriamente prejudicado que se atribui aos tímidos que os mesmos se sentem diminuídos e desesperados por algum “tratamento” que os deixem tão expansivos quanto as outras pessoas.

É o valor que o sistema sócio cultural atribui a maneira do indivíduo existir que faz com que o julgamento seja feito.

Assim, embora a timidez seja um traço da personalidade, devido a esta valorização cultural negativa ela pode proporcionar um sério prejuízo na vida da pessoa fazendo com que a mesma se sinta infeliz ou inferior. Por isso, a timidez acaba por receber da psiquiatria uma atenção de doença, embora seja uma característica e não uma doença.

O sistema sócio-cultural costuma elaborar uma relação muito extensa de adjetivos utilizados para a arguição dos indivíduos baseado na descrição de seus traços. Nesta visão o indivíduo pode ser classificado como sincero, honesto, compreensivo, inteligente, cálido, amigável, ambicioso, pontual,

tolerante, irritável, responsável, calmo, artístico, científico, ordeiro, religioso, falador, excitado, moderado, calado, corajoso, cauteloso, impulsivo, oportunista, radical, pessimista, e por aí a fora. Podemos ainda considerar a pessoa através de seu traço predominante, da característica que melhor a define, como se, entre tantos traços caracteristicamente humanos, este determinado traço específico predominasse sobre os demais. Assim é classificado o tímido. (BALLONE, 2004)

O que define as pessoas é a maneira pela qual as mesmas contatam o mundo a sua volta, a maneira pela qual a pessoa interage com o mundo objectual a sua volta, enfim, a maneira pela qual o sujeito se relaciona com o objeto.

A necessidade de um tratamento para a timidez é muito mais uma necessidade sócio-cultural. Uma necessidade para atender uma condição ditada pela sociedade como aceitável.

Em nossa sociedade onde a imagem é tudo, onde todos querem e devem estar tomando iniciativas em tempo integral, onde todos querem aparecer a qualquer custo quem mais sofre é o tímido, que por muitas vezes se sente diminuído e por que não desesperado por um tratamento, por uma cura para seu “problema”. É um querer se igualar àqueles que são valorizados e exaltados socialmente.

Podemos comparar a necessidade de “tratamento” para a timidez à necessidade de “tratamento” para cabelos crespos das adolescentes, ou seja, muito mais uma exigência cultural que uma necessidade patológica. (BALLONE, 2004).

Assim, quem sofre são os tímidos na tentativa de ser o que a sociedade deseja que ele seja. Devido a essa valorização cultural atribuída a timidez ela pode causar prejuízo a vida da

pessoa, levando a mesma a algum grau de sofrimento, a querer tratar aquilo que faz parte de sua personalidade, aquilo que constitui uma parte da vida social normal.

### 3.1 – TIMIDEZ E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A timidez nos outros e em si mesma é reconhecida por alguns sinais claros já citados anteriormente como transpiração e rubor entre outros, e ela está relacionada com a pessoa que é construída na frente daqueles com quem se interage. A impressão que se faz do outro é a principal preocupação do tímido em uma conversa, relação ou outra situação qualquer.

Quando, por exemplo, duas pessoas se deparam com um mesmo objeto, nunca se poderá afirmar que elas o percebem de maneira idêntica. Mesmo deixando de lado as diferenças sensoriais e fisiológicas que existem entre nós (uns enxergam melhor, ouvem melhor etc), sempre existirão muitas e profundas diferenças na natureza, no significado e na representação psíquica percebida e assimilada. Enquanto a personalidade extrovertida se prende predominantemente àquilo que recebe sensorialmente do mundo (objeto), o introvertido se prende, sobretudo, à impressão subjetiva que o objeto é capaz de produzir nele. (BALLONE, 2004).

Em termos de interação, o bem-estar e o embaraço são sempre diametralmente opostos. Quanto maior for um dos dois menor será o outro. Assim, tratando-se de interações sociais, timidez, embaraço e mal-estar têm aqui significações conexas.

Um encontro é um período de interação que começa quando os indivíduos se reconhecem e termina quando todos acordam em retirar-se. Qualquer encontro ou

aproximação social pode tornar-se constrangedora, já que no mesmo é preciso que alguém se engaje, alimente a conversa, faça conclusões. Em qualquer encontro, o prazer e o desprazer, a afeição e a hostilidade estão sempre presentes e o aparecimento de qualquer evento perturbador, tanto de forma negativa quanto positiva, como um elogio ou aclamação pode ser, e geralmente é, seguido por um acesso de timidez.

Todos detestam se sentir constrangidos ou demonstrar emoção, já que esta, em nosso sistema social é sinal de fraqueza, inferioridade, derrota. Assim, muitas vezes, o tímido passa a encurtar os possíveis encontros ou simplesmente evitá-los – “A vergonha é o sentimento inevitável de ‘ser para outrem’”. (SARTRE, 1943).

A timidez é parte integrante do comportamento regular social do qual se é o tempo todo deslocado e desmembrado, pois “o indivíduo se sente constrangido não porque não esteja pessoalmente adaptado, mas antes porque o está”. (GOFFMAN, 1974).

## A ESCOLA DIANTE DA TIMIDEZ

Ao iniciar este capítulo sinto-me na obrigação de dizer o quão difícil foi encontrar livros, textos, artigos ou qualquer outra bibliografia relacionada ao tema. Foram meses de procura, de busca e tudo se resume à auto-ajuda. Assim, este capítulo trará o meu próprio pensar acerca do tema dentro da Escola, tendo como referência as teorias já vistas em capítulos anteriores e minha experiência diária com crianças de dois a cinco anos em média.

Meu interesse pela Timidez surgiu a partir de duas esferas: a primeira é que fui uma criança tida como tímida, e ainda o sou diante de inúmeras circunstâncias do dia-a-dia; a outra surgiu por receber uma criança em minha turma vista também como tímida, com poucos amigos e que não brinca coletivamente.

As Escolas como um todo não estão preparadas para entender que as crianças são, assim como os adultos, diferentes, com suas singularidades e individualidades. Assim como a sociedade em geral cobra dos adultos uma determinada postura diante dos acontecimentos, os pais e a Escola, que são os primeiros contatos sociais, a primeira “sociedade” das crianças, acabam por cobrar o mesmo delas.

Parece-me que a Escola busca uma homogeneidade sem fim. Todos devem ser de uma determinada maneira e gostar das mesmas coisas. Sair desta regra acaba por ser sinal de que algo não está certo.

Desta maneira, todas as crianças têm que responder aos estímulos da mesma forma, têm que gostar das mesmas brincadeiras, têm que ter muitos amigos, participar de todas as atividades com prazer, ser desinibido e se sentir sempre confortável. A realidade é que, como a Escola é vida, as crianças desinibidas são sempre mais exaltadas e elogiadas enquanto as retraídas são problematizadas.

Lívia<sup>3</sup> prefere não participar de algumas atividades que são propostas. Ela gosta de contar suas novidades e não sente a menor vergonha em se levantar diante de todos para mostrar e dizer o que quer. Lívia gosta de pintar, de desenhar, de dançar como qualquer criança de sua idade. Nas brincadeiras de teatro, Lívia prefere não participar. Encolhe-se um pouco para debaixo da mesa mais próxima e não é a única a fazê-lo. Lívia brinca quando quer. Às vezes sozinha, às vezes com outras crianças. Também quando quer lidera brincadeiras e o faz perfeitamente. É querida pelos amigos e gosta de estar na Escola. Por vezes Lívia prefere não brincar. Senta e observa tudo ao seu redor. Conversa com qualquer pessoa que puxe um assunto e gosta de pegar livros para ver sozinha ou para pedir a alguém que leia para ela.

Lívia realmente gosta de passar um tempo sozinha, mas isso não é uma regra. Acontece que estes seus momentos são vistos negativamente pela direção escolar, como se a solidão também não fosse importante para o desenvolvimento e crescimento de uma criança.

No início do ano, a mãe de Lívia nos procurou para conversar sobre sua preocupação em relação à filha, que ela não se “soltava” tanto quanto as outras crianças. Contudo, parece-me que agora a mãe de Lívia percebeu que sua filha não tem nada de errado ou problemático e nem precisa de tratamento algum, e sim uma criança normal com suas próprias características, com seu próprio jeito de ser e experimentar.

Lívia não tem problema algum. É tímida muitas vezes sim, mas mais que isso. Lívia é autônoma e independente, tem comportamentos e atitudes de coragem e segurança baseadas em suas vontades e argumentos plausíveis para tal. Lívia é capaz de responder pelas ações que pode tomar dentro de sua idade e de sua vida. Lívia permite-se tomar iniciativas sempre.

À Escola, cabe o papel de fazer com que as crianças cresçam e se fortaleçam através de um comportamento carinhoso tendo em vista a tão importante autonomia e jamais tentar

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

minimizar a timidez, mas sim saber lidar com a criança tímida para que ela não se sinta diminuída.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer a Timidez Infantil para uma reflexão tentou-se um maior entendimento não apenas da timidez em si, mas também a respeito do desenvolvimento da criança.

Assim, pensou-se em como a educação em geral muitas vezes parece gerar no indivíduo a noção de vergonha, porém essa noção de vergonha não é algo que vem de fora, de encontro às tendências do indivíduo, mas, ao contrário, as duas se encontram e se complementam em uma comunhão de interesses.

Uma vida baseada somente nos impulsos e seus domínios seria um tanto quanto impossível. É em favor da sobrevivência individual e do grupo que estes impulsos dever ser recalçados e sublimados, não só através da educação, mas também e principalmente pelas regras sociais em que nossas vidas estão inseridas. É aqui que entra o papel da educação, por ela ser capaz de desviar a energia, o impulso sexual para outros campos.

Conhecendo um pouco melhor as características da timidez e sua conexão ao desenvolvimento infantil fica mais fácil de se entender que, além da timidez não ser uma doença e não precisar de tratamento, ela nunca deve ser minimizada; mas, cabe àquele que lida com crianças diariamente conhecer e respeitar a individualidade, o tempo e a maneira de cada um experimentar a vida.

Ao educador cabe não abusar de sua autoridade e dirigir suas crianças da forma mais proveitosa e respeitosa possível, para que esses anos iniciais sejam vividos de maneira intensa e, principalmente, feliz.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BALLONE, G.J. **Personalidade Introversa (Timidez)**. In: Psiqweb, 2004. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br>.

BUSHNELL, Pamela. **What is shyness?** [S.I.], 2004. Disponível no site: [www.kidshealth.org](http://www.kidshealth.org), acessado em setembro de 2006.

CAMPOS, Adriana. **Timidez Infantil**. [S.I.], 2005. Disponível no site: [www.spfenprof.org](http://www.spfenprof.org), acessado em outubro de 2006.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

**ESQUEMA** de Desenvolvimento de Erik Erikson. Disponível em [www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br), acessado em outubro de 2006.

FREUD, Sigmund. **Dois Verbetes de Enciclopédia**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1976.

\_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Les rites d'interaction**. Paris: Les Éditions Minit, 1974.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação: O Mestre do Impossível**. 3ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

LA TAILLE, Yves de. **O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002. Disponível no site: [www.scielo.br](http://www.scielo.br), acessado em setembro de 2006.

MIRANDA, Ruy. **Que é timidez?** [S.I.], s/d. Disponível no site: [www.timidez-ansiedade.com](http://www.timidez-ansiedade.com), acessado em setembro de 2006.

PELLEGRINO, Helio. **Édipo e a Paixão**. In: Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

ALUNA: Rachel Corrêa Seixas

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Timidez Infantil – Uma questão a ser pensada.

ORIENTADORA: Professora Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador:

Professor (a) convidado (a): Maria Ângela Monteiro Corrêa

Nota: 10,0 (dez)

Considerações:

Trabalho elaborado com dedicação, cuidado e critérios. Tema importante no contexto educacional nos mais diferentes níveis etários. O recorte do assunto possibilitou uma abordagem muito interessante. Parabéns! Sucesso na vida profissional e pessoal

Rio 05/12/2009

*(assinatura)*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

ALUNA: Rachel Corrêa Seixas

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Timidez Infantil – Uma questão a ser pensada.

ORIENTADORA: Professora Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador:

Professor (a) convidado (a): Sandra Albernaz de Medeiros

Nota: 9,5 (nove e meio)

Considerações:

O tema da timidez aparece precariamente nas discussões acadêmicas, daí o valor e a importância desta monografia que foi realizada com a delicadeza que o assunto exige.

A comentar algumas pequenas falhas de forma (falta a numeração nos capítulos e faltam sub-títulos em alguns trechos dos capítulos).

Mus parabéns pelo trabalho apresentado que exigiu pesquisa cuidadosa e difícil.

Albernaz

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

ALUNA: Rachel Corrêa Seixas

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Timidez Infantil – Uma questão a ser pensada.

ORIENTADORA: Professora Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador:

Professor (a) convidado (a): Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho

Nota: 9,5

Considerações:

*A monografia contém os elementos essenciais a um trabalho científico. Em termos formais, seria mais correto utilizar espaçamento menor para as citações*

*L.M. Coelho*